



FRAGMENTAÇÃO SIMBIÓTICA E POLARIZAÇÃO DISCURSIVA – UMA ANÁLISE ECOSISTÊMICA DAS DISPUTAS IDEOLÓGICAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Resumo: Este artigo analisa a intensificação da polarização discursiva no Brasil contemporâneo à luz da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica (ADE). Fundamenta-se na concepção de ecossistema linguístico como integração entre povo, território e língua (Couto, 2007, 2016) e na compreensão do discurso como fenômeno relacional emergente das interações comunicativas situadas (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). Parte-se da hipótese de que a mediação algorítmica das redes sociais digitais intensifica regularidades discursivas, reforça vieses de confirmação e reduz a permeabilidade entre comunidades de fala, produzindo um encapsulamento cognitivo e enrijecimento ideológico. Propõe-se o conceito de *fragmentação simbiótica* para descrever a dinâmica pela qual polos antagonizados se constituem como instâncias discursivas interdependentes, retroalimentando-se por meio da oposição constante. Argumenta-se que tal processo configura um desequilíbrio ecossistêmico nos planos mental e social, favorecendo o anticientificismo, a banalização política e a naturalização de discursos excludentes. O estudo contribui para ampliar o debate sobre linguagem, tecnologia e sociedade sob uma perspectiva ecossistêmica crítica.

Palavras-chave: Linguística Ecológica; Análise do Discurso Ecológica; Polarização discursiva; Algoritmo; Brasil contemporâneo.

Abstract: This article analyzes the intensification of discursive polarization in contemporary Brazil from the perspective of Ecosystemic Linguistics and Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). It is grounded in the conception of the linguistic ecosystem as the integration of people, territory, and language (Couto, 2007, 2016), and in the understanding of discourse as a relational phenomenon emerging from situated communicative interactions (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). The study assumes that algorithmic mediation in digital social networks intensifies

discursive regularities, reinforces confirmation biases, and reduces permeability among speech communities, producing cognitive encapsulation and ideological rigidity. The concept of symbiotic fragmentation is proposed to describe the dynamic through which antagonized poles constitute themselves as interdependent discursive instances, mutually reinforced through constant opposition. It is argued that such a process configures an ecosystemic imbalance at mental and social levels, fostering anti-scientific attitudes, political trivialization, and the normalization of exclusionary discourses. The study contributes to expanding debates on language, technology, and society from a critical ecosystemic perspective.

Keywords: Ecosystemic Linguistics; Ecosystemic Discourse Analysis; Discursive polarization; Algorithm; Contemporary Brazil.

1 Introdução

O Brasil contemporâneo tem sido marcado por um processo intensificado de polarização discursiva que atravessa instituições, práticas sociais e interações cotidianas. Divergências políticas, disputas ideológicas e conflitos simbólicos não apenas se tornaram mais visíveis, mas passaram a estruturar formas de pertencimento e modos de subjetivação. Nesse cenário, as redes sociais digitais configuram-se como ambientes centrais de produção e circulação de sentidos, reordenando os ecossistemas discursivos e redefinindo as dinâmicas da interação comunicativa.

Sob a perspectiva da Linguística Ecológica, a língua não é compreendida como sistema abstrato autônomo, mas como forma regular de interação que emerge da integração entre povo, território e língua no interior de um ecossistema linguístico (Couto, 2007, 2016). A virtualização das interações, entretanto, instaura um processo de desterritorialização: o ambiente digital opera como extensão dos ecossistemas linguísticos sem exigir o compartilhamento de um mesmo território físico entre interlocutores. Tal deslocamento não implica ausência de territorialidade, mas sua reconfiguração em um espaço atópico, no qual múltiplos ecossistemas se entrecruzam e se projetam.

Nesse contexto, a interação comunicativa virtual demanda novas formas de mediação. A ausência do corpo físico no processo interacional conduz à projeção de identidades digitais maleáveis, configuradas por meio de avatares que representam o sujeito na rede (Nowogrodzki da Silva, 2021). Essas máscaras digitais não se confundem com ficcionalização pura, mas constituem formas de subjetivação moldadas pelas ferramentas interacionais e pelas regularidades do ambiente virtual. O algoritmo, enquanto operador invisível da circulação discursiva, intensifica padrões de repetição, privilegia conteúdos alinhados às crenças prévias dos usuários e favorece a formação de comunidades de fala virtual progressivamente menos permeáveis.

A Análise do Discurso Ecológica (ADE), por sua vez, permite compreender o discurso como fenômeno relacional que emerge das interações situadas e produz efeitos no ecossistema mental e social (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). Ao focalizar microscopicamente os processos discursivos e, em seguida, recuar para uma visão holística, a ADE evidencia como determinadas

regularidades podem gerar desequilíbrios ecossistêmicos, especialmente quando sustentam violências evitáveis ou deslegitimação da diversidade (Couto, 2020).

Parte-se, neste artigo, da hipótese de que a polarização no Brasil não se reduz a antagonismos ideológicos contingentes, mas constitui um modelo de organização relacional sustentado por dinâmicas algorítmicas de reforço e retroalimentação. Propõe-se, nesse sentido, o conceito de *fragmentação simbiótica* para designar o processo pelo qual polos discursivos aparentemente estanques mantêm interdependência estrutural, definindo-se reciprocamente em um ciclo contínuo de oposição.

Objetiva-se, portanto, analisar como a desterritorialização das interações, a mediação algorítmica e a produção de identidades virtuais maleáveis contribuem para a reorganização dos ecossistemas discursivos brasileiros, intensificando a polarização e produzindo efeitos de encapsulamento cognitivo. Ao compreender esse fenômeno sob uma perspectiva ecossistêmica, busca-se oferecer subsídios teóricos para a reflexão crítica sobre linguagem, tecnologia e sociedade no Brasil contemporâneo.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Linguística Ecológica: ecossistema linguístico e desterritorialização

A Linguística Ecológica (LE), desenvolvida por Hildo Honório do Couto, parte da compreensão de que a língua não é um sistema autônomo, mas uma forma regular de interação que emerge da integração entre povo, território e língua no interior de um ecossistema linguístico (Couto, 2007, 2016). O ecossistema linguístico é, portanto, uma rede de relações antropogênicas que se sustenta na interdependência entre as dimensões natural, social e mental.

Essa concepção rompe com modelos estruturalistas que isolam a língua de seu ambiente vital. Na perspectiva ecológica, toda interação comunicativa está situada, e seus efeitos reverberam nos três planos constitutivos do ecossistema: o natural (corpo, materialidade); o social (organização coletiva, instituições, práticas) e o mental (processos cognitivos e ideacionais).

Com a emergência das redes sociais digitais, observa-se um processo de virtualização das interações que implica desterritorialização. Contudo, a desterritorialização não significa ausência de ecossistema. De acordo com Nowogrodzki da Silva (2021), o ambiente virtual constitui uma extensão dos ecossistemas linguísticos, dispensando o compartilhamento de um mesmo território físico entre interlocutores, mas mantendo a estrutura relacional que sustenta a interação.

Trata-se de uma reconfiguração do território: o espaço digital torna-se faixa de transição entre múltiplos ecossistemas, permitindo sua sobreposição e interpenetração. Essa reorganização possibilita a formação de comunidades de fala virtuais, cujas regularidades interacionais são mediadas por ferramentas tecnológicas e algoritmos.

Nesse ambiente desterritorializado, a ausência do corpo físico produz uma reorganização da dimensão natural do ecossistema linguístico. O sujeito passa a interagir por meio de representações digitais (avatars) que funcionam como máscaras identitárias moldáveis (Nowogrodzki da Silva,

2021). Essas identidades virtuais não são necessariamente fictícias, mas configuram projeções selecionadas e moduladas pelos próprios usuários, de acordo com as *affordances* da plataforma e com as expectativas de sua audiência.

Essa maleabilidade identitária amplia a possibilidade de radicalização discursiva, uma vez que o custo interacional da confrontação diminui e a exposição à alteridade pode ser filtrada algoritmicamente.

2.2 Análise do Discurso Ecológico: discurso, violência e desequilíbrio relacional

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) emerge como desdobramento da LE, focalizando microscopicamente o discurso enquanto fenômeno relacional que produz efeitos nos ecossistemas físico/natural, mental e social (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015).

Para a ADE, o discurso não se debruça sobre a mera materialidade textual, mas focaliza a relação dinâmica entre modos de ver o mundo que se atualizam na interação comunicativa. Cada ato discursivo contribui para reforçar, modificar ou tensionar regularidades ecológicas.

Ao aproximar o foco analítico por meio do método da focalização, a ADE permite observar como determinadas regularidades discursivas podem produzir violência simbólica e epistêmica, especialmente quando: deslegitimam a ciência, naturalizam preconceitos, reforçam exclusões, promovem desinformação ou inviabilizam o diálogo interecológico.

A violência, nessa perspectiva, não se limita à agressão explícita. Ela pode manifestar-se na repetição sistemática de enunciados que reduzem a diversidade cognitiva e social, comprometendo a homeostase do ecossistema linguístico. Quando comunidades de fala se tornam progressivamente impermeáveis, instala-se um desequilíbrio relacional, caracterizado pela ruptura da interdependência saudável entre diferença e coexistência.

O ambiente digital, mediado por algoritmos cujo objetivo central é maximizar retenção e engajamento, tende a privilegiar conteúdos que provocam reações intensas. Essa lógica favorece a amplificação de enunciados polarizadores e a consolidação de bolhas discursivas. Assim, a polarização deixa de ser apenas divergência ideológica e passa a configurar uma estrutura de organização ecológica baseada na retroalimentação conflitiva.

É nesse ponto que se insere a hipótese central deste artigo: a polarização contemporânea pode ser compreendida como efeito de uma reorganização desterritorializada dos ecossistemas discursivos, na qual a violência simbólica e epistêmica se torna elemento estruturante da dinâmica relacional.

3. Fragmentação simbiótica: proposta conceitual

A intensificação da polarização no Brasil contemporâneo não pode ser explicada apenas como divergência ideológica ou conflito político circunstancial. Sob a perspectiva da Linguística Ecológica, trata-se de uma reorganização das relações no interior do ecossistema linguístico,

cuja dinâmica revela um padrão específico de segmentação relacional. É nesse contexto que se propõe o conceito de fragmentação simbiótica.

A fragmentação, em sentido amplo, implica ruptura ou separação entre partes de um sistema. No entanto, a noção aqui defendida não corresponde a uma simples cisão estanque. Ao contrário, os polos discursivos antagonizados mantêm entre si uma relação estrutural de interdependência. Definem-se reciprocamente, alimentam-se da oposição constante e dependem da existência do outro para manter sua própria coesão interna. Trata-se, portanto, de uma fragmentação que não elimina o vínculo, mas o reorganiza sob a forma de antagonismo permanente.

Do ponto de vista ecossistêmico, nenhum grupo discursivo existe isoladamente. A identidade de uma comunidade de fala constrói-se por diferenciação, isto é, pela delimitação de fronteiras simbólicas que a distinguem de outras comunidades. Na dinâmica das redes sociais digitais, entretanto, essa diferenciação é intensificada por mecanismos algorítmicos que reforçam regularidades enunciativas e ampliam a visibilidade de conteúdos que geram engajamento. O resultado é a consolidação de nichos discursivos progressivamente mais homogêneos internamente e mais hostis externamente.

A desterritorialização das interações amplia a velocidade e a escala dessas dinâmicas. A ausência de copresença física reduz mediações sociais tradicionalmente reguladoras da interação, enquanto a identidade projetada por meio de avatares torna-se mais maleável e, muitas vezes, mais radicalizada.

Nesse cenário, a fragmentação assume caráter simbiótico porque os polos opostos operam como espelhos invertidos: cada enunciado extremado de um lado legitima a radicalização do outro. A violência discursiva, nesse contexto, não é um efeito colateral, mas um elemento funcional do sistema. Ela mantém os grupos mobilizados, reforça fronteiras identitárias e assegura a continuidade da circulação conflitiva que sustenta o ecossistema digital de engajamento.

A fragmentação simbiótica difere, portanto, da simples polarização ideológica. Enquanto esta pode existir em regimes democráticos como expressão legítima da pluralidade, aquela implica enrijecimento estrutural das relações, redução da permeabilidade intecossistêmica e consolidação de ciclos de violência simbólica e epistêmica que dificultam a mediação institucional e o diálogo social.

Compreender essa dinâmica como fenômeno ecossistêmico permite deslocar o debate da esfera meramente moral ou partidária para uma análise relacional mais ampla, na qual linguagem, tecnologia e organização social se entrelaçam na produção de um modelo de coexistência conflitiva permanente.

3.1 Algoritmo, regularidade discursiva e encapsulamento ecossistêmico

A fragmentação simbiótica não se sustenta apenas na divergência ideológica, mas na infraestrutura técnica que organiza a circulação discursiva. O algoritmo das plataformas digitais atua como mediador invisível da interação, selecionando, hierarquizando e reiterando conteúdos com base

em métricas de engajamento. Essa mediação interfere diretamente na formação de regularidades discursivas, elemento central da compreensão ecossistêmica da língua enquanto prática interacional (Couto, 2007; Couto, 2016).

Na perspectiva da Linguística Ecológica, regularidade não é repetição mecânica, mas estabilização relacional que emerge da interação. No ambiente digital, entretanto, a repetição é artificialmente intensificada. O algoritmo reforça conteúdos alinhados às crenças prévias do usuário, ampliando vieses de confirmação e reduzindo a exposição à alteridade. Forma-se, assim, um processo de encapsulamento ecossistêmico, no qual comunidades de fala tornam-se progressivamente menos permeáveis.

A desterritorialização das interações amplia esse encapsulamento. A ausência de territorialidade física elimina mediações sociais concretas e favorece a consolidação de identidades digitais moldáveis, produzidas por meio de avatares que enfatizam traços ideológicos selecionados. A identidade passa a ser performada prioritariamente para o ambiente virtual, convertendo-se em imagem estrategicamente construída.

Sob uma perspectiva marxista, essa dinâmica pode ser interpretada como forma de deslocamento das contradições materiais para o plano da representação simbólica. As disputas deixam de incidir prioritariamente sobre condições concretas de existência (trabalho, renda, desigualdade estrutural, acesso a direitos) e passam a se organizar em torno de signos identitários que operam como mercadorias simbólicas. A lógica algorítmica, orientada pela maximização do tempo de permanência e do consumo de conteúdo, converte antagonismos sociais em produtos altamente rentáveis.

Nesse cenário, a polarização discursiva funciona como mecanismo de captura da energia política. Enquanto sujeitos se engajam intensamente em disputas simbólicas no ambiente desterritorializado, as estruturas materiais que sustentam desigualdades e violências sistêmicas permanecem relativamente preservadas. A fragmentação simbiótica, portanto, não apenas reorganiza o ecossistema discursivo, mas também contribui para obscurecer lutas sociais mais estruturais.

Do ponto de vista da Análise do Discurso Ecológica, o encapsulamento algorítmico favorece a produção de violência simbólica e epistêmica ao reduzir a diversidade cognitiva e limitar o diálogo intecossistêmico (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). A repetição constante de determinados enquadramentos normaliza perspectivas parciais e naturaliza simplificações, criando a percepção de que determinadas interpretações do mundo são evidentes ou inevitáveis.

A polarização, assim, deixa de ser apenas divergência e passa a constituir um modelo de organização discursiva funcional à economia da atenção. O conflito torna-se combustível do sistema. A manutenção da tensão permanente assegura engajamento contínuo, consolidando um ecossistema no qual a violência discursiva não é exceção, mas regra operacional.

3.2 Identidade, avatar e reificação simbólica: da imagem virtual à alienação material

A desterritorialização das interações digitais não apenas reorganiza o espaço comunicativo, mas transforma as formas de constituição identitária. No ambiente virtual, o sujeito interage por meio

de representações (avatars) que funcionam como projeções discursivas de si (Nowogrodzki da Silva, 2021). Essas representações não são meramente artificiais, mas construções estratégicas moldadas pelas possibilidades técnicas da plataforma e pelas expectativas de reconhecimento do grupo ao qual o sujeito deseja pertencer.

Sob a perspectiva da Linguística Ecológica, a identidade emerge da interação situada no interior do ecossistema linguístico (Couto, 2007; Couto, 2016). Contudo, quando a interação ocorre em ambiente desterritorializado e mediado por algoritmo, a identidade tende a ser condensada em signos altamente visíveis e rapidamente reconhecíveis. Elementos complexos da experiência social são simplificados em marcadores ideológicos, hashtags, slogans e performances discursivas de pertencimento.

É nesse ponto que se pode mobilizar uma leitura marxista da dinâmica contemporânea. A identidade virtual passa a operar como mercadoria simbólica. Assim como no processo descrito por Marx, em que as relações sociais assumem a forma de relações entre coisas, no ambiente digital as relações políticas e sociais assumem a forma de relações entre imagens identitárias. O conflito desloca-se da materialidade das condições de existência para a disputa por visibilidade e reconhecimento no espaço virtual.

Esse processo pode ser compreendido como forma de reificação simbólica. A imagem projetada pelo avatar adquire autonomia relativa em relação às condições concretas do sujeito. A luta política converte-se em disputa performativa, muitas vezes desvinculada de práticas materiais transformadoras. Enquanto isso, desigualdades estruturais, como o trabalho precarizado, a concentração de renda e o acesso desigual a políticas públicas, permanecem fora do centro da atenção discursiva.

Do ponto de vista ecológico, essa dinâmica produz desequilíbrio relacional. A energia interacional concentra-se na manutenção da imagem e na defesa do grupo simbólico ao qual o sujeito se vincula, reduzindo a capacidade de articulação intersetorial. A fragmentação simbiótica intensifica-se porque a identidade passa a depender da oposição constante ao outro. O antagonista torna-se necessário para validar a própria imagem, definindo o sujeito por oposição.

A violência discursiva, nesse contexto, funciona como mecanismo de reforço identitário. Ataques, desqualificações e simplificações não são apenas excessos retóricos, mas instrumentos de consolidação de fronteiras simbólicas. A radicalização da imagem virtual fortalece o pertencimento interno ao grupo, ao mesmo tempo em que amplia a distância em relação aos demais.

A alienação, portanto, não se limita ao campo econômico, mas estende-se ao plano discursivo. O sujeito passa a investir intensamente na defesa de signos identitários que, embora produzam reconhecimento imediato no ambiente digital, pouco contribuem para a transformação das condições materiais que estruturam a vida social. A polarização, assim, captura a potência política e a reconverte em circulação simbólica altamente rentável para as plataformas digitais.

Compreender essa dinâmica sob a ótica da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológico permite evidenciar que o problema não reside apenas na divergência ideológica,

mas na forma como o ecossistema discursivo desterritorializado reorganiza prioridades, desloca conflitos e naturaliza a violência simbólica como forma legítima de participação.

3.3 Violência discursiva, anticientificismo e naturalização do absurdo

A intensificação da fragmentação simbiótica no Brasil contemporâneo não se manifesta apenas como antagonismo político, mas como reorganização das condições de produção da verdade no interior do ecossistema discursivo. A mediação algorítmica, ao privilegiar conteúdos capazes de gerar engajamento emocional intenso, favorece enunciados simplificadores, polarizadores e frequentemente desvinculados de processos rigorosos de validação. Nesse contexto, a violência discursiva assume papel estruturante.

Na perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, o discurso é compreendido como relação que produz efeitos nos ecossistemas mental e social (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). Quando determinadas regularidades enunciativas passam a reiterar deslegitimações sistemáticas da ciência, da universidade, da imprensa ou de instituições públicas, instaura-se um processo de violência epistêmica. Tal violência não se restringe ao ataque direto a indivíduos ou grupos, mas atinge o próprio regime de produção de conhecimento.

A repetição constante de conteúdos anticientíficos ou conspiratórios, amplificada pelo algoritmo, produz efeito de normalização. A regularidade discursiva passa a ser artificialmente intensificada, criando a percepção de que determinadas interpretações do mundo são majoritárias, evidentes ou indiscutíveis. A frequência substitui a fundamentação; a visibilidade substitui a verificação.

Nesse processo, o absurdo tende a ser naturalizado. Enunciados que, em outro contexto, seriam prontamente contestados passam a circular com aparência de legitimidade devido à sua recorrência. O encapsulamento ecológico reduz a exposição a contrapontos e enfraquece mecanismos tradicionais de mediação social. A bolha discursiva não apenas protege crenças prévias, mas as radicaliza por meio da retroalimentação contínua.

Sob uma leitura marxista, essa dinâmica pode ser interpretada como forma contemporânea de alienação ideológica. Ao deslocar o debate público para disputas simbólicas intensas e frequentemente superficiais, o sistema digital contribui para obscurecer contradições estruturais do modo de produção capitalista. A energia social é canalizada para confrontos identitários que, embora mobilizem afetos e produzam sensação de participação política, pouco incidem sobre a materialidade das relações de trabalho, da distribuição de renda ou do acesso a direitos fundamentais.

A violência discursiva, nesse cenário, cumpre função econômica e política. Do ponto de vista econômico, o conflito permanente assegura engajamento contínuo e, portanto, rentabilidade para as plataformas. Do ponto de vista político, a deslegitimação sistemática de instituições científicas e mediadoras fragiliza consensos mínimos necessários à organização democrática. A fragmentação simbiótica intensifica-se porque cada ataque de um polo é convertido em prova da ameaça representada pelo outro, reforçando o ciclo de antagonismo.

Importa destacar que a desterritorialização das interações amplia a escala desse fenômeno. Sem a necessidade de copresença física, discursos violentos circulam com rapidez, alcançando múltiplos ecossistemas simultaneamente. A ausência de mediações territoriais tradicionais (escola, sindicato, comunidade local) reduz filtros sociais e favorece a difusão de narrativas simplificadoras.

Do ponto de vista ecossistêmico, instala-se um desequilíbrio relacional caracterizado pela redução da diversidade cognitiva e pela dificuldade de diálogo intecossistêmico. A pluralidade, condição vital de qualquer ecossistema saudável, cede lugar à homogeneização interna e à hostilidade externa. A violência discursiva deixa de ser evento episódico e passa a constituir regularidade estruturante.

Assim, o anticientificismo e a banalização política não devem ser compreendidos apenas como falhas individuais de julgamento, mas como efeitos sistêmicos de um modelo de organização discursiva que privilegia intensidade afetiva sobre complexidade analítica. A naturalização do absurdo torna-se possível porque o ecossistema digital reconfigura os critérios de validação e legitimação do discurso.

Compreender esse processo à luz da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológico permite deslocar a análise da esfera moralizante para uma abordagem relacional. A questão central não é apenas o conteúdo falso ou violento, mas o modo como o ambiente desterritorializado, mediado por algoritmos, reorganiza as condições de possibilidade do próprio dizer.

3.4 Fragmentação simbiótica como modelo ecossistêmico de organização do conflito

A fragmentação simbiótica pode ser compreendida como forma específica de organização do conflito no interior do capitalismo contemporâneo. Não se trata apenas de divergência ideológica, mas de uma estrutura relacional na qual antagonismos discursivos são intensificados e continuamente retroalimentados por uma infraestrutura digital orientada pela lógica da acumulação.

Na perspectiva da Linguística Ecológica, o equilíbrio do ecossistema linguístico depende da diversidade e da permeabilidade entre comunidades de fala (Couto, 2007; Couto, 2016). A fragmentação simbiótica rompe essa permeabilidade sem eliminar a interdependência: os polos antagonizados necessitam da existência do outro para consolidar sua própria identidade. O conflito torna-se condição de coesão interna.

Essa dinâmica pode ser articulada à análise de Nancy Fraser (1995), que identifica o deslocamento das lutas redistributivas para disputas centradas no reconhecimento. Embora o reconhecimento seja dimensão legítima da justiça social, sua autonomização em relação à redistribuição pode favorecer a neutralização de conflitos estruturais ligados à economia política. No ambiente digital, esse deslocamento é intensificado: a visibilidade identitária converte-se em capital simbólico, enquanto as desigualdades materiais permanecem relativamente fora do foco discursivo.

De modo convergente, David Harvey (2005) demonstra que o neoliberalismo reorganiza permanentemente as formas de acumulação, incorporando novas dimensões da vida social ao circuito do capital. As plataformas digitais representam etapa avançada desse processo. O engajamento produzido pelo conflito discursivo transforma-se em valor econômico, pois gera dados, atenção e previsibilidade comportamental.

A análise de Zuboff (2019) evidencia que o capitalismo de vigilância extrai dados comportamentais para convertê-los em mercadorias preditivas. A radicalização discursiva amplia a intensidade da interação e, consequentemente, a produção de dados. A fragmentação simbiótica passa, assim, a integrar a lógica de geração de valor das plataformas.

No plano da subjetividade, Han (2017) argumenta que a psicopolítica contemporânea opera por meio da autoexposição e da autogestão permanente do sujeito. A identidade virtual, projetada por meio de avatares em ambiente desterritorializado (Nowogrodzki da Silva, 2021), converte-se em performance contínua. A disputa política tende a ser traduzida em imagem e visibilidade, reforçando a centralidade da representação sobre a materialidade.

Do ponto de vista marxista, pode-se compreender esse processo como forma contemporânea de fetichização. Conforme Marx (2013), no fetichismo da mercadoria as relações sociais assumem a forma de relações entre coisas. Analogamente, na fragmentação simbiótica, as relações materiais de produção e desigualdade assumem a forma de disputas entre imagens identitárias. O conflito simbólico encobre a materialidade estrutural que o sustenta.

Sob a ótica da Análise do Discurso Ecológico, essa reorganização implica intensificação da violência simbólica e epistêmica (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015). A violência discursiva deixa de ser exceção e passa a funcionar como operador de delimitação identitária. Cada ataque fortalece a coesão interna e amplia a distância interecológica.

A fragmentação simbiótica, portanto, revela-se compatível com a racionalidade do capitalismo de plataforma: produz engajamento, gera valor econômico e desloca o foco das contradições materiais para disputas simbólicas intensificadas. No Brasil contemporâneo, essa dinâmica dificulta a construção de alianças capazes de enfrentar desigualdades estruturais, consolidando um modelo de coexistência conflitiva permanente.

4. Brasil contemporâneo: materialidade histórica da polarização

A polarização discursiva no Brasil contemporâneo não emerge em vazio histórico. Ela se insere em um contexto de transformações econômicas, crises institucionais e reconfigurações do espaço público que se intensificam a partir da segunda década do século XXI. Sob a perspectiva da Linguística Ecológica, trata-se de um processo de reorganização do ecossistema linguístico brasileiro, no qual mudanças nas formas de interação comunicativa produzem efeitos estruturais no plano físico/natural, social e mental (Couto, 2007; Couto, 2016).

As manifestações de 2013 constituem marco relevante na reconfiguração do espaço público digital no país. A ampliação do uso das redes sociais como instrumento de mobilização política inaugura

uma fase em que a circulação discursiva virtual passa a influenciar diretamente a dinâmica institucional. A partir desse momento, observa-se intensificação do debate público mediado por plataformas digitais, com crescente protagonismo de narrativas polarizadas.

O processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, em 2016, aprofunda divisões já existentes, consolidando dois grandes polos discursivos que passam a estruturar a cena política nacional. A disputa não se limita a projetos econômicos ou administrativos; ela se transforma em confronto identitário. A oposição deixa de ser apenas programática e assume contornos morais e existenciais. A identidade política passa a ser performada como marcador central de pertencimento social.

Sob a lente marxista, esse período coincide com o aprofundamento de políticas de austeridade, reformas estruturais e reconfiguração das relações de trabalho. Conforme argumenta Harvey (2005), o neoliberalismo opera por meio de reorganizações que frequentemente geram instabilidade social. No Brasil, reformas trabalhistas, teto de gastos e privatizações ocorreram paralelamente à intensificação da polarização discursiva. A energia social desloca-se progressivamente para o confronto simbólico, enquanto transformações materiais estruturais avançam.

A eleição presidencial de 2018 representa momento decisivo na consolidação da fragmentação simbiótica. As redes sociais tornam-se campo central da disputa política, com uso massivo de campanhas digitais, circulação de desinformação e mobilização identitária. A mediação algorítmica intensifica regularidades discursivas e amplia o encapsulamento ecossistêmico já descrito. A identidade política passa a operar como signo totalizante, organizando interpretações sobre ciência, educação, cultura e economia.

Durante a pandemia de COVID-19, essa dinâmica atinge novo patamar. A crise sanitária, que exigiria articulação coletiva baseada em conhecimento científico, torna-se também campo de disputa discursiva. Observa-se crescimento de discursos anticientíficos, questionamentos à autoridade médica e circulação massiva de informações falsas. Do ponto de vista da Análise do Discurso Ecossistêmica, tal cenário evidencia intensificação da violência epistêmica (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015), uma vez que a deslegitimação sistemática do saber científico compromete mecanismos coletivos de regulação social.

A fragmentação simbiótica manifesta-se claramente nesse período: cada posicionamento sanitário é interpretado como marcador ideológico, e o antagonismo torna-se critério de validação identitária. O outro deixa de ser interlocutor e passa a ser ameaça. A lógica do “nós contra eles” estabiliza-se como estrutura narrativa dominante.

A partir de 2022, com nova eleição presidencial altamente polarizada, observa-se continuidade desse modelo de organização do conflito. A alternância de poder não dissolve a fragmentação; ao contrário, ela confirma sua simetria estrutural. Os polos permanecem mobilizados, e o ambiente digital continua operando como espaço privilegiado de confronto performativo.

Do ponto de vista ecossistêmico, o Brasil contemporâneo evidencia redução da permeabilidade entre comunidades de fala, intensificação de violência discursiva, naturalização de

enquadramentos simplificadores e deslocamento da centralidade das lutas materiais para disputas simbólicas intensificadas.

A desigualdade social brasileira, historicamente uma das mais elevadas do mundo, permanece estruturalmente presente. No entanto, a centralidade do debate público frequentemente recai sobre conflitos identitários performados no ambiente virtual. Conforme argumenta Fraser (1995), a dissociação entre reconhecimento e redistribuição pode enfraquecer projetos transformadores mais amplos. No contexto brasileiro, essa dissociação adquire contornos digitais específicos.

A desterritorialização das interações amplia a velocidade e a escala da polarização. Comunidades locais passam a ser atravessadas por disputas globais, e identidades políticas são moldadas por fluxos transnacionais de informação. O território físico perde centralidade reguladora, enquanto o território digital se torna espaço de intensificação afetiva.

Assim, a polarização brasileira recente pode ser compreendida como expressão histórica concreta da fragmentação simbiótica: modelo ecossistêmico no qual antagonismos discursivos são permanentemente retroalimentados por estruturas técnicas e econômicas que lucram com o conflito, ao mesmo tempo em que deslocam a atenção coletiva das contradições materiais que sustentam a desigualdade.

5. Implicações ecossistêmicas: democracia, materialidade e possibilidades de reequilíbrio

A consolidação da fragmentação simbiótica como modelo de organização do conflito no Brasil contemporâneo produz efeitos que ultrapassam o plano comunicacional. Trata-se de um fenômeno que incide diretamente sobre a qualidade da democracia, sobre a centralidade das lutas materiais e sobre a própria estrutura relacional do ecossistema linguístico brasileiro.

Na perspectiva da Linguística Ecossistêmica, a vitalidade de um ecossistema depende da diversidade e da interação entre suas partes (Couto, 2007; Couto, 2016). A redução da permeabilidade entre comunidades de fala compromete essa dinâmica, gerando enclaves discursivos relativamente autossuficientes. Quando a diferença deixa de operar como possibilidade de diálogo e passa a funcionar como ameaça identitária, instala-se um desequilíbrio relacional persistente.

Do ponto de vista democrático, a fragmentação simbiótica fragiliza a esfera pública. A democracia pressupõe não apenas pluralidade de posições, mas condições mínimas de inteligibilidade compartilhada. A intensificação da violência discursiva e epistêmica (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015) compromete tais condições ao deslegitimar interlocutores e instituições mediadoras. O debate público deixa de se organizar em torno de projetos e políticas e passa a estruturar-se como confronto permanente entre identidades totalizantes.

Sob perspectiva marxista, essa reorganização apresenta implicações materiais relevantes. Conforme argumenta Karl Marx (2013), as formas ideológicas podem obscurecer as relações concretas de produção que estruturam a sociedade. No contexto da fragmentação simbiótica, o

conflito identitário intensificado tende a encobrir contradições ligadas à exploração do trabalho, à financeirização da economia e à reprodução ampliada do capital.

Harvey (2005) demonstra que o neoliberalismo depende de mecanismos que reorganizam continuamente a atenção social, muitas vezes desviando-a das estruturas de acumulação. A centralidade da polarização discursiva no ambiente digital cumpre função análoga: enquanto o antagonismo simbólico mobiliza afetos e engajamento, reformas estruturais e rearranjos econômicos seguem seu curso com menor resistência articulada.

A dimensão tecnológica desse processo também merece atenção. Conforme analisa Zuboff (2019), o capitalismo de vigilância estrutura-se a partir da extração de dados comportamentais e da modelagem preditiva. A intensificação da polarização aumenta a frequência e a intensidade das interações, ampliando o volume de dados gerados. O conflito permanente converte-se, assim, em insumo econômico.

No plano subjetivo, a psicopolítica descrita por Byung-Chul Han (2017) ajuda a compreender como o sujeito internaliza a lógica da exposição e da performance. A identidade virtual, produzida em ambiente desterritorializado, transforma-se em projeto contínuo de afirmação. A militância tende a ser vivenciada como prática discursiva performática, muitas vezes dissociada de organização coletiva material.

Ecossistemicamente, os efeitos acumulativos desse modelo incluem diminuição da diversidade cognitiva interna aos grupos, ampliação da hostilidade interecossistêmica, naturalização da violência discursiva como estratégia legítima, enfraquecimento de mediações institucionais e científicas e deslocamento das lutas estruturais para disputas simbólicas intensificadas.

Entretanto, a própria perspectiva ecossistêmica oferece pistas para possíveis caminhos de reequilíbrio. Se o desequilíbrio decorre da redução da permeabilidade e da intensificação artificial de regularidades, então políticas e práticas que ampliem exposição à diversidade, fortaleçam mediações institucionais e promovam letramento digital crítico podem contribuir para restaurar condições de diálogo.

Do ponto de vista marxista, reequilibrar o ecossistema discursivo implica também reconectar reconhecimento e redistribuição (Fraser, 1995), reinserindo as disputas identitárias no interior de projetos mais amplos de transformação material. A crítica à violência discursiva não pode limitar-se à moderação de conteúdo; ela deve articular-se a uma crítica estrutural do modelo econômico que monetiza o conflito.

A fragmentação simbiótica não constitui destino inevitável. Ela é resultado histórico de condições técnicas, econômicas e discursivas específicas. Reconhecer sua lógica de funcionamento é passo fundamental para desnaturalizar o conflito permanente e reconstruir formas de interação capazes de rearticular pluralidade, materialidade e democracia.

6. Conclusão

A polarização discursiva no Brasil contemporâneo não pode ser compreendida apenas como divergência ideológica circunstancial, mas como reorganização estrutural do ecossistema linguístico em contexto de desterritorialização digital. A partir da Linguística Ecolinguística (Couto, 2007; Couto, 2016) e da Análise do Discurso Ecolinguística (Couto, 2013; Couto; Couto; Borges, 2015), buscou-se demonstrar que a intensificação do conflito político se articula à mediação algorítmica das interações e à produção de identidades virtuais maleáveis, projetadas por meio de avatares em ambiente desterritorializado (Nowogrodzki da Silva, 2021).

Propôs-se o conceito de fragmentação simbiótica para descrever a dinâmica pela qual polos discursivos antagonizados se constituem como instâncias simultaneamente fragmentadas e interdependentes. Diferentemente de uma cisão absoluta, trata-se de uma forma de organização relacional em que o conflito permanente funciona como mecanismo de coesão interna e de retroalimentação sistêmica. A violência discursiva e epistêmica deixa de ser exceção e passa a operar como elemento estruturante.

A incorporação de uma perspectiva marxista permitiu evidenciar que tal modelo não é apenas fenômeno comunicacional, mas também expressão da racionalidade do capitalismo de plataforma. Constatou-se que a centralidade das disputas simbólicas pode obscurecer contradições materiais estruturais, deslocando a energia política para confrontos identitários intensificados e economicamente rentáveis.

No contexto brasileiro, marcado por desigualdades históricas profundas, a fragmentação simbiótica dificulta a construção de alianças amplas voltadas à transformação das condições materiais de existência. A desterritorialização das interações amplia a escala do conflito, enquanto a mediação algorítmica reforça regularidades discursivas que reduzem permeabilidade interecolinguística.

Conclui-se que a polarização contemporânea deve ser analisada como fenômeno ecolinguístico complexo, no qual linguagem, tecnologia e economia política se entrelaçam. Compreender a lógica da fragmentação simbiótica é passo fundamental para desnaturalizar o antagonismo permanente e recolocar no centro do debate público as dimensões materiais e democráticas que estruturam a vida social. A reconstrução da permeabilidade discursiva e a rearticulação entre reconhecimento e redistribuição configuram-se, nesse horizonte, como desafios teóricos e políticos incontornáveis.

Referências

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Linguística Ecolinguística. In: COUTO, H. H. et al. (Org.). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016a.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1. 2013.

COUTO, H. COUTO, E.; BORGES, L. **Análise do discurso ecológica - ADE**. Campinas: Pontes, 2015.

FRASER, Nancy. From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a “post-socialist” age. *New Left Review*, Londres, n. 212, p. 68–93, 1995.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: neoliberalism and new technologies of power**. London: Verso, 2017.

HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOWOGRODZKI DA SILVA, Anderson. **Interação comunicativa virtual: avatares e simulacros na comunidade de fala virtual ATEA**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Brasília, 2021.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.

Aceito em 12 de fevereiro de 2026.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 12, N. 1, 2026.